

TECNOLOGIA E HUMANIDADE: UMA LEITURA DE KENTUKIS DIRECIONADA A PARTIR DE SAMANTA SCHWEBLIN

CAROLINA SALDANHA NUNES¹; ALINE COELHO DA SILVA².

¹Universidade Federal de Pelotas – carolinacsn@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – silva.aline.coelho@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho compreende uma reflexão acerca da relação entre tecnologia e humanidade no romance *Kentukis*, de Samanta Schweblin, e foi orientado pela professora Aline Coelho, coordenadora do projeto de pesquisa “Literatura latino-americana escrita por mulheres no século XXI – narrativas e construção da memória latino-americana”, consistindo em uma ação em fase inicial, que parte da análise de entrevistas da autora com a intenção de, por fim, realizar um estudo mais aprofundado sobre sua escritura.

A escritora argentina Samanta Schweblin está dentre os nomes de autoras latino-americanas de maior destaque atualmente, e, entre suas obras de renome, está *Kentukis* (2021), romance em que são apresentadas - de maneira intercalada - múltiplas histórias envolvendo dispositivos chamados “Kentukis”. Parecendo, à primeira vista, animais de pelúcia, esses “robôs” de estrutura bem simples na verdade possuem também uma câmera embutida, através da qual podem conectar-se com pessoas de diferentes lugares. Essa ligação, porém, é delimitada por algumas restrições: um dos usuários irá adquirir o bichinho e “ter” um Kentuki, do qual será o “amo”, numa espécie de relação de “dono” e “animal de estimação”. Enquanto isso, o outro usuário irá “ser” o Kentuki - que vem por padrão sem alto-falante -, ficando, então, limitado a simplesmente ver e escutar seu “amo”, sem a possibilidade de falar diretamente com ele, a não ser que o mesmo permita por meios externos (via número de telefone ou *e-mail*, por exemplo). É é nesse contexto que vamos conhecer diferentes usuários, espalhados ao redor do mundo, que constroem conexões complexas ao redor dessa dinâmica de relações humanas mediadas através da tecnologia.

Após a publicação de *Kentukis* (2021), não tem sido infrequente sua categorização como ficção científica. Todavia, em algumas de suas entrevistas, Schweblin questiona tal classificação, já que, segundo ela, o dispositivo em si não apresenta nenhuma tecnologia que já não exista na vida real, e destaca que o livro “não é sobre tecnologia, é sobre o que acontece conosco através da tecnologia” (TERRON; DEORSOLA, 2021). O objetivo do presente trabalho seria, então - não realizar a classificação da obra dentro ou fora da categoria de ficção científica -, mas sim analisar a relação entre tecnologia e humanidade no romance *Kentukis*, a partir das reflexões e artifícios literários comentados pela própria Schweblin na fala acerca de sua escritura. E, a fim de tal propósito, as entrevistas dadas pela própria escritora são recursos valiosos a serem analisados, pois, através destas, somos capazes de conhecer sua voz autoral, graças - inclusive - à tecnologia, que facilita o amplo acesso a tais discursos disponíveis *online*.

2. METODOLOGIA

Em busca de tal objetivo, em primeiro lugar, foram observadas dezenove entrevistas com Samanta Schweblin em formato de vídeo no *Youtube*, além de,

também, três entrevistas escritas, disponíveis em *sites* de notícias. Em seguida, foi realizado o registro, por escrito, dos principais tópicos evidenciados pela autora durante sua fala acerca do processo de criação de Kentukis e de suas ideias sobre escritura. Por fim, foram traçados paralelos com a leitura do romance, levando em consideração tais elementos destacados, a fim de realizar uma análise qualitativa dessas características e de como são apresentadas na narrativa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em entrevista para Garret Edwards, Schweblin comenta sobre o cuidado que teve em eliminar o uso de demasiada terminologia tecnológica na hora de descrever os Kentukis, já que sua intenção não era tratar sobre a tecnologia em si (EDWARDS, 2022). Inclusive, em vários momentos, destaca também que nenhuma tecnologia retratada no livro é uma criação "inédita" dela, mas sim uma combinação de ferramentas já existentes: uma pelúcia com uma câmera e *Wi-Fi* (CCCB, 2022). E é por essa razão que a autora levanta o questionamento acerca da categorização de sua obra: se todas tecnologias citadas no livro são recursos já tão presentes em nossa vida cotidiana, ao ponto de termos naturalizado seu uso, por que é que, ao surgirem descritas dentro de uma obra literária, subitamente tal texto torna-se de ficção científica e "*high tech*" (CCCB, 2022)?

Para Schweblin, o foco da obra é, na verdade, sobre os seres humanos por trás do dispositivo e a maneira como buscam comunicar-se, mediados pela tecnologia (EDWARDS, 2022). E é por esse motivo que, ao ler as histórias das diferentes pessoas conectadas através dos Kentukis, podemos notar um tema que repete-se ao longo do livro: a fatalidade da linguagem (TERRON; DEORSOLA, 2021). Grande parte dos relatos, que começam em contextos "normais" e cotidianos, acabam entrando em colapso a partir do momento em que esses usuários - a princípio separados pela incapacidade de comunicação - resolvem encontrar maneiras de contactar-se diretamente. Quando a forma de mediação entre "ser" e "ter" Kentuki deixa de ser o dispositivo em si - dentro da dinâmica de "amo" e "mascote" - e as pessoas por trás da tela "tornam-se reais" através da comunicação, é nesse momento que as histórias "saem dos trilhos" (TERRON; DEORSOLA, 2021).

Um dos exemplos dessa dinâmica no livro é a história de Emília, uma aposentada do Peru. Ela passa a "ser" um Kentuki depois de ganhar uma conta de presente do filho, de quem sente-se distanciada (tanto física quanto emocionalmente). Emília conecta-se com uma jovem alemã, Eva, que trata o bichinho afetuosamente, como a um *pet*, mas sem fornecer muitas informações pessoais. Emília, então, não hesita em preencher essas lacunas por conta própria, projetando na figura de Eva emoções, atitudes e características de acordo com um cenário que criou em sua mente. Não demora para que passe a pensar na jovem como sua filha, uma "menininha inocente", indefesa nas garras de um possível namorado perigoso, Klaus, que eventualmente visita Eva. Se a percepção de Emília sobre sua "ama" já é bem complexa, sua relação com Klaus tem ainda mais camadas: por horas, vê o homem como uma ameaça para sua "filha" ingênua, em outros momentos, fantasia sexualmente sobre ele, e ainda, por vezes, simpatiza com o estranho, vendo-o com afeição. Para Schweblin, essa dinâmica entre os personagens ocorre porque a tecnologia do dispositivo seria como um espelho: ao olhar para os outros através da tela, Emília (assim como outros personagens) enxerga não a verdade sobre quem eles são, mas sim seu

próprio reflexo, que ela projeta sobre aqueles indivíduos, e que crê ser "a verdade" (TERRON; DEORSOLA, 2021). E, naturalmente, não demora a chegar o momento da falha nessa conexão. Emília decide "ter" um Kentuki em sua casa também - uma coelhinha, igual à de Eva -, com quem compartilha sua rotina, inclusive o "monitoramento" de Eva e Klaus na Alemanha. Em um primeiro momento, Emília projeta suas percepções pessoais sobre esse usuário também, enxergando nele sua nova "alma gêmea". Todavia, a pessoa do outro lado da tela reprovava o "*voyeurismo*" dela, não só "dedurando" para os alemães sobre sua vigilância e captura de fotos de ambos (que tinha espalhadas pela casa), como entregando também imagens íntimas de Emília e suas informações de contato. É nesse momento - ao receber uma ligação e comunicar-se diretamente com Eva pela primeira vez - que o "espelho" quebra-se: após realizar comentários de cunho sexual sobre o corpo e roupas íntimas de Emília, a dupla inicia o ato sexual em frente à câmera do Kentuki, levando a usuária do outro lado da tela a "matar" ambos coelhos de uma vez só, numa tentativa de fugir do assédio e da quebra de expectativas originada dessa interação.

Podemos ver um jogo de projeções semelhante também no caso de Alina, uma mulher que decide "ter" um Kentuki após mudar-se para acompanhar o marido artista - Sven - com quem mantém uma relação complicada de disputa de poder, mascarada por uma aparente passivo-agressividade por parte de ambos. Lutando constantemente contra essa disparidade em relação ao parceiro - considerado "alguém importante", enquanto ela não seria "ninguém" além da "mulher do professor", como era chamada - a princípio, Alina considera o anonimato proporcionado pelo dispositivo uma "liberdade". Essa sensação fica abalada, porém, quando desconfia que o usuário por trás do Kentuki trata-se de um homem pervertido, tentando aproveitar-se dela. Assim, para retomar o controle, ela passa longos períodos exercendo diferentes formas de punição: desde exhibições forçadas a vídeos de pornografia e decapitação, até violentas "mutilações" do "bichinho". Pela primeira vez, "não ser ninguém" fez com que se sentisse livre para exercer poder sobre aquele "ser", que não podia fazer nada além de circular ao seu redor silenciosamente, devido à impossibilidade de comunicação. A situação muda, porém, quando Sven realiza uma exposição de arte temática de Kentukis, onde Alina vê reveladas - em meio ao público - gravações simultâneas das ações dela frente à câmera e da reação de quem estava do outro lado: uma criancinha de sete anos. Ao ser exposto às "punições", o menino nos vídeos - antes sorridente perante a companhia de sua "ama" - agora chora incontrolavelmente, traumatizado pelas violências testemunhadas, e que não podem mais ser "desfeitas" por Alina. Schweblin comenta que essa é uma personagem feita para despertar nossa identificação, ao pensarmos "talvez eu também agiria assim", e correremos o risco de, assim como ela, perceber tarde demais as consequências aterrorizantes que podem esconder-se por trás do anonimato (TERRON; DEORSOLA, 2021). Diante dessa constatação, é importante ainda considerar quais são, então, alguns dos artifícios literários usados por Schweblin para fazer com que o leitor seja capaz de colocar-se no lugar de usuários como Alina.

Schweblin explica que, durante sua escrita, buscou escrever o narrador de Kentukis (2021) como se fosse um "servidor de computador", que registra todas as interações realizadas através do dispositivo sem fazer nenhum juízo de valor (TERRON; DEORSOLA, 2021). Devido a tal abordagem, os leitores são capazes de ter uma experiência semelhante à dos usuários durante a leitura: nos sentimos ora "tendo", ora "sendo" Kentukis, precisando lidar também com os conflitos

apresentados. Segundo a visão da autora, o leitor possui um papel fundamental ao interagir com os dilemas trazidos pela obra, participando ativamente na construção da história. E é por razões como essa que ela considera a própria literatura como uma espécie de tecnologia, como se fosse um "dispositivo" que permite ao leitor ter acesso a outros mundos e experiências antes de voltar para sua "vida real" (PENGUIN URUGUAY, 2018). No caso de Kentukis (2021), por exemplo, quando nos colocamos no lugar dos usuários, temos a chance de questionar o que faríamos em suas posições. E, ao responder dúvidas como essa, passamos a refletir sobre nossa relação com a tecnologia e os limites éticos e morais envolvidos em seu uso, muitas vezes já tão naturalizado que nem mesmo percebemos o impacto capaz de causar em nossas vidas e na de tantas outras pessoas atrás das telas.

4. CONCLUSÕES

Em tempos em que o uso da tecnologia já está tão naturalizado, o posicionamento de Schweblin nos propõe um dilema muito relevante. Quanto mais banalizamos esse uso na "vida real", mais nos afastamos da "ficção científica" e nos aproximamos de situações semelhantes às das personagens de Kentukis (2021), em que torna-se mais difícil perceber até onde vai o limite ético na interação com tais tecnologias e seus usuários. Além disso, através da fala de Schweblin, foi possível refletir mais aprofundadamente sobre sua representação da natureza humana - manifestada pelas personagens através de interações mediadas pela tecnologia -, que foi evidenciada através dos artifícios literários escolhidos pela autora para ressaltar tal dinâmica em sua obra. Destaca-se também, por fim, a ideia que Samanta Schweblin traz da própria literatura como um dispositivo que nos permite conhecer melhor outros mundos e possibilidades além daqueles em que estamos inseridos. No caso de Kentukis (2021), dessa forma, permite que aprendamos um pouco mais, tanto sobre como a tecnologia nos afeta, quanto sobre como afetamos os outros através dela.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CCCB. Samanta Schweblin: «Cualquier arte implica el ejercicio de la copia, sobre todo». Youtube, 31 de mai. de 2022. Disponível em: <https://abre.ai/le1g>. Acesso em: 9 de out. de 2024.

EDWARDS, G. Samanta Schweblin y qué tiene que tener un cuento para atraparla - La Inquietud. Youtube, 15 de out. de 2022. Disponível em: <https://abre.ai/le1f>. Acesso em: 9 de out. de 2024.

PENGUIN URUGUAY. Samanta Schweblin presentó Kentukis en la Feria del Libro 2018. Youtube, 16 de out. de 2018. Disponível em: <https://abre.ai/le1i>. Acesso em: 9 de out. de 2024.

SCHWEBLIN, S. **Kentukis**. São Paulo : Fósforo, 2021.

TERRON, J. R; DEORSOLA, L. KENTUKIS: Samanta Schweblin conversa com Joca Reiners Terron e Livia Deorsola (português). Youtube, 19 de ago. de 2021. Disponível em: <https://abre.ai/le1e>. Acesso em: 9 de out. de 2024.